



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**SARA SANTOS DA SILVA**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-605

**Entrevistada:** Sara Santos da Silva

**Nascimento:** 05/01/1990

**Local da entrevista:** Parque Redenção, Porto Alegre.

**Entrevistadora:** Isabela Lisboa Berté

**Data da entrevista:** 06/10/2015

**Transcrição:** Isabela Lisboa Berté

**Copidesque:** Isabela Lisboa Berté

**Pesquisa:** Isabela Lisboa Berté

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 36 minutos e 53 segundos

**Páginas Digitadas:** 17 páginas

### **Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Isabela Lisboa Berté intitulada *Mulheres no Universo Cultural do Boxe: As questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no Pugilismo*. (2003-2016)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção no boxe; Academia onde iniciou sua prática; Relação com família amigos e treinadores; Situação do boxe feminino no Rio Grande do Sul; Trajetória como atleta; Patrocinadores e incentivos; Bolsa Atleta; Fim da carreira no boxe; Percepção acerca das mudanças corporais; Inserção tardia das mulheres no boxe; Diferenças na prática de homens e mulheres; Contribuição para o boxe no Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 06 de Outubro de 2015. Entrevista com Sara Santos da Silva a cargo da pesquisadora Isabela Lisboa Berté para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.B. – Como foi a tua inserção no boxe?

S.S. – Eu conheci o boxe vendo uma luta do Popó<sup>1</sup>, eu tinha mais ou menos uns 11 anos de idade. Ele entrou no ringue e em dez segundo ele nocauteou o cara. Eu olhei e disse: “Eu quero fazer isso.” Só que não encontrava nenhuma menina fazendo... Não encontrava... Hoje eu estou com 25 [anos], era onze anos atrás, era só homens e tinha bastante preconceito. Quando eu tinha mais ou menos uns 20 anos, uma amiga minha me convidou, ela estava fazendo em uma academia. E aí eu: “Bah, vou fazer!” Só que na época eu não estava nem trabalhando, eu não tinha como pagar a academia. Eu procurei um emprego só para poder praticar o boxe na academia. E daí eu consegui um emprego e comecei a fazer... Comecei a fazer na época com o irmão do Zé<sup>2</sup>, o Vitor<sup>3</sup>, comecei a fazer com ele e me apaixonei. Eu ia às sete da manhã, a academia abria eu já estava lá na porta esperando para abrir, saía, ia direto para o serviço e do serviço ia direto para a academia. Passava nessa função todos os dias.

I.B. – Onde era a academia em que tu começou a lutar boxe?

S.S. – Era lá em Canoas, perto do centro de Canoas.

I.B. – Como era essa academia, tinha só boxe, ou havia outras atividades?

S.S. – Não, era uma academia, era musculação, era dança, como toda academia. E eu fui só para praticar como... Só como as pessoas praticavam ali, só pela intenção, pela perda de peso. Só que aí eu me apaixonei, era o que eu queria para mim, comecei a demonstrar para

---

<sup>1</sup> Acelino Popó Freitas.

<sup>2</sup> José Valter Corrêa de Lima.

<sup>3</sup> Vitor Lima.

o meu professor que o que eu queria era seguir carreira naquilo ali. E aí foi onde ele decidiu me apresentar o José, porque como ele tinha um emprego fora, ele dava aula de boxe só por diversão, só porque ele tinha academia e tinha que ter a modalidade. Aí ele me apresentou para o Zé, que o Zé trabalhava com boxe direto, o dia inteiro. Daí eu passei a treinar com o Zé.

I.B. – Aí tu mudou de academia?

S.S. – Mudei de academia, passei a treinar aqui em Porto Alegre, na época a gente treinava na Top One<sup>4</sup>. E aí eu trabalhava... De manhã ia na academia fazer musculação, trabalhava durante o dia, saía do trabalho e ia para a academia treinar, ficava até a meia noite treinando. Eu morava na época lá em Nova Santa Rita e eram três horas de viagem.

I.B. – E tu vinha para Porto Alegre para treinar?

S.S. – Para treinar, todos os dias.

I.B. – E o José Lima te incentivou a competir?

S.S. – Sempre! O Zé é um apaixonado, ele forma atletas até hoje. Sempre me incentivou e a primeira oportunidade que eu tive eu juntei um dinheiro, larguei o trabalho, juntei minha grana e continuei só treinando o dia inteiro. Quando ele me disse que eu tinha futuro mesmo. Ele me incentivou e aí eu pedi um apoio para o meu pai, uma ajuda no que eu precisasse e fui viver o sonho. Treinar... Treinava o dia inteiro, vivia 17 horas do dia em prol do treino, dormia pouco de noite, chegava tarde em casa. Toda aquela história de atleta, sabe? Comia mal, dormia mal, para poder treinar, passava trabalho para poder treinar. Tudo isso eu passei.

I.B. – Alguém influenciou a tua escolha pelo boxe, amigos, professores, familiares.

---

<sup>4</sup> Academia localizada na cidade de Porto Alegre.

S.S. – A história da nossa família é bem complicada assim... Depois que eu conheci o Zé, eu tinha alguém que eu pudesse me espelhar, porque na minha família eu não tinha alguém que eu pudesse me espelhar. “Eu quero ser como essa pessoa.” Eu conheci o Zé e foi isso: “Eu quero ser como esse cara.” Porque o Zé tem uma história de superação que é assim inexplicável, um cara que sonhava em ser lutador de boxe, ser campeão mundial de boxe, sofreu um acidente, perdeu o movimento em um dos braços nesse acidente e nunca mais pode lutar. E mesmo assim ele se superou, criou a equipe dele, hoje ele treina atletas e mesmo sem ter o movimento de um dos braços, ele ensina boxe para as pessoas. E os atletas dele são considerados os melhores, tanto no Rio Grande do Sul e acredito que futuramente no Brasil. Eu tive a oportunidade de entrar na Seleção, não fui considerada umas das melhores, mas fui considerada a ponto de quererem me contratar para Seleção. E tudo eu devo a ele, o que ele me ensinou, o que ele me passou.

I.B. – Tu fazia alguma outra prática esportiva antes do boxe?

S.S. – Não, desde a escola eu já demonstrei que tinha habilidades para os esportes, mas nunca segui fazendo alguma coisa. Cheguei a jogar bola um tempo, parei. Joguei vôlei um tempo e parei também. Mas nunca tive nada contínuo como o boxe.

I.B. – Tu encontrou alguma resistência de treinadores ou da Federação Rio-Grandense de Pugilismo para que as mulheres treinassem?

S.S. – Não, hoje em dia nenhuma. No Rio Grande do Sul eu acredito que não... Existem técnicos de outras equipes, que estão mudando agora, mas eles ainda não dão tanto valor para a mulher. Não dão tanto incentivo como dão para os meninos, eles preferem muito mais incentivar os homens do que as mulheres. Mas isso está mudando, é quase nenhum, muito pouco.

I.B. – Como tua família reagiu a escolha pelo boxe?

S.S. – Todos me incentivaram, tanto meu pai, meu pai sempre me ajudou financeiramente, para as viagens ele me ajudou. A minha mãe... Eu nunca tive nenhum... Nem meu pai nem minha mãe, nunca foram ver nenhuma luta minha, nunca viram. A única foi a minha irmã, eu tenho quatro irmãos, uma única que foi, porque a minha mãe tinha muito medo de me ver apanhar, me machucar... E meu pai dizia a mesma coisa, se ele visse alguém me bater, ele ia subir em cima do ringue. Eles nunca foram, eles assistiam depois luta, davam os “pitacos” deles. Mas sempre me apoiaram, sempre me incentivaram no que eu quisesse, independente do que eu quisesse fazer eles sempre me incentivaram.

I.B. – Em que ano tu começou a treinar boxe?

S.S. – Eu comecei por volta de 2010, 2012... Eu treinei dois, três anos direto.

I.B. – E nessa época tu lembra de ter outras mulheres treinando?

S.S. – Tinha a Dani<sup>5</sup>, eu comecei a treinar, a Dani já estava treinando há dois anos. E na nossa equipe, o Zé tentou formar na época uma equipe de boxe feminino, tinha várias meninas que estavam treinando na nossa equipe. A Carine<sup>6</sup> é da minha época também, ela já treina há mais tempo que eu. As atletas estavam indo no Brasileiro Feminino<sup>7</sup>, tinha meninas ganhando bolsa atleta, as meninas estavam começando a se incentivar e estava aumentando a procura de mulheres.

I.B. – E estavam acontecendo competições?

S.S. – Todo mês têm. No Bolão Gaúcho, que é o ginásio onde fica o presidente dando treinos de graça para o pessoal, lá todo mês tem competições, pelo menos uma vez por mês. Às vezes tem mais do que uma, mas tem e é aberto ao feminino também.

---

<sup>5</sup> Daniela Cattani.

<sup>6</sup> Carine Borba.

<sup>7</sup> Campeonato Brasileiro de Boxe Feminino.

I.B. – E tinha mulheres? Tinha um número razoável de mulheres que se inscreviam?

S.S. – Sim, mas é difícil ainda. No Rio Grande do Sul é difícil ainda. Eu tive poucas lutas no Rio Grande do Sul. Aconteceu de eu baixar muito o peso para lutar, porque não tem menina no meu peso. Ou subir o peso para poder lutar, porque não tem menina no meu peso.

I.B. – E já ocorreu lutas entre diferentes categorias de pesos?

S.S. – Já chegou de a gente estar na mesma categoria, mas a categoria é de 64 [quilos] a 69 [quilos]. Eu estar com 69 [quilos] e ela com 64 [quilos], mas é na mesma categoria. Só que ela estava pesando bem menos.

I.B. – Queria que tu falasse um pouco sobre a tua trajetória como atleta, os campeonatos que tu participou, tuas conquistas e se atualmente tu continua competindo.

S.S. – A primeira conquista que eu tive foi como campeã gaúcha, acho que foi no meu primeiro ano. No segundo ano eu viajei, fui campeã paulista de competições. Viajei, fui para o Brasileiro, fiquei em terceiro lugar, no primeiro brasileiro que eu fui. Nesse mesmo ano eu fui para os Jogos Abertos<sup>8</sup> e também fui campeã. E no ano passado eu lutei meus últimos brasileiros, fiquei... Eram cinco meninas na minha categoria e eu fiquei em último lugar. Na primeira luta, eu acabei pegando uma menina da Seleção, uma guria muito boa, que luta há muito tempo e acabei perdendo. Mas foi a luta que fez o pessoal da Seleção me ver, que foi uma luta meio... Não foi parelha, mas foi uma luta que eu não desisti. Eu sei que eu não tenho nível para competir com as pessoas da Seleção, as pessoas da Seleção são meninas que lutam há muito tempo, tem toda ajuda, todo patrocínio, treinam dentro e fora do Brasil. Quase toda semana tem competições para elas, às vezes não tem lutas pra gente, eu ia para um campeonato sem lutar, porque aqui para mulher é difícil para lutar. Mas eu

---

<sup>8</sup> Jogos Abertos de São Paulo.

não desisti e eu lembro que o Zé falava pra mim: “Tu tem garra, tu tem coragem.” Ele falava que isso é quase 100% de um lutador, técnica a gente adquire, mas coragem não, coragem tem que ter. E eu sempre tive muito isso e foi isso que chamou atenção. Eu acabei perdendo, ficando em último lugar, mas acabei chamando a atenção do pessoal da Seleção.

I.B. – Tu lembra que ano foi esse?

S.S. – Foi ano passado.

I.B. – E o ano que tu tirou terceiro lugar no Campeonato Brasileiro?

S.S. – Foi em 2013.

I.B. – Quais são as condições para a prática do boxe feminino no Rio Grande do Sul, tem patrocinadores ou incentivos governamentais?

S.S. – Não, nenhum. É muito difícil, ainda mais feminino. Tanto que eu recebi muitas propostas de ir para o MMA<sup>9</sup>. No MMA tem patrocínio, tu consegue, porque é o que está em destaque agora. Fora do Brasil o boxe é muito incentivado, um dos esportes que melhor paga os atletas, mas no Brasil, no Rio Grande do Sul, não é... O pessoal quer patrocinar o que está em vista, o que está “bombando” e é o MMA agora. O boxe... A gente teve o patrocínio pelo José, que era a Stem<sup>10</sup>, patrocinava com suplementos, vitaminas e tudo mais. A gente tinha, mas era da equipe, não era algo meu. Eu até tive o patrocínio do Leandro Elias, que era uma casa de treinamento funcional<sup>11</sup>. Ele me auxiliou no meu primeiro brasileiro que eu tirei o terceiro lugar, ele me auxiliou, deu todo o treino para mim. Quando eu fui competir o campeonato paulista<sup>12</sup> ele me ajudou até com passagem, pois eu não tinha dinheiro para a passagem e o Leandro, o dono do centro funcional, ele me

---

<sup>9</sup> Mixed Martial Arts.

<sup>10</sup> Stem Pharmaceutical.

<sup>11</sup> Estúdio de Treinamento Funcional Leandro Elias.

<sup>12</sup> Campeonato Paulista de Boxe Amador.

deu até passagem, para que eu pudesse ir. É um dos patrocínios... Das pessoas que eu tenho a agradecer, que confiaram e acreditaram em mim na época. E mais a Ana Paula Weber que era minha nutricionista também me apoiou e me ajudou bastante. Como a gente tinha que baixar de peso muito rápido e subir de peso muito rápido era muito difícil e ela sempre me ajudava, sempre me apoiava, dando dietas, me ensinando a fazer as coisas mais fáceis e práticas para que eu pudesse me manter na dieta.

I.B. – Tu chegou a te manter economicamente apenas treinando e competindo no boxe?

S.S. – Com o Bolsa Atleta.

I.B. – Tu ganhou o Bolsa Atleta em 2013?

S.S. – Eu tive direito ao Bolsa Atleta em 2013, mas a gente passa a receber só um ano depois. Eu fiz o pedido no início de 2014 e fui receber no final do ano de 2014, eles me pagaram quase tudo junto. Nessa época eu já tinha desistido do boxe. Chegou uma época em que eu tive que escolher, eu estava mais ou menos em Julho... Em Junho teve o Brasileiro e em Julho eu estava decidida a ir embora do Rio Grande do Sul. Eu ia para São Paulo, eu ia treinar lá e morar lá, eu ia ganhar um patrocínio do governo de 500 reais... Na época, o Marcos Lima, que era lá de São Paulo, que mora em Piracicaba, que ia me apoiar. Eu ia ficar morando no alojamento deles, ia ganhar uma ajuda de custo do governo de 500 reais e eu podia ter faculdade para estudar, ele falou que ia conseguir umas academias para eu dar aula. E eu ia largar tudo aqui, ia largar minha família e ir para lá, só que era algo incerto, eu ia para lá e não sabia se ia me dar bem no boxe. Eu já estava com uma lesão no punho, porque eu tenho um osso fraturado por causa do boxe e o ligamento do meu dedão também é rompido por causa do boxe. É uma coisa que eu não tenho como fazer cirurgia, porque eu não vou me recuperar. Eu continuo treinando, continuo com dor, se eu fizer cirurgia eu corro o risco de perder o movimento do dedo e se eu perder o movimento em um dedo, para o boxe, vai ser muito importante. É algo que eu continuava treinando com dor, porque não tinha o que fazer... Era uma escolha que eu tinha que fazer e bem na época

me ligaram de um concurso que eu tinha passado. Um tempo atrás, antes do boxe, eu tinha feito uns concursos e me ligaram a respeito desse concurso que eu estava sendo convocada para assumir. E aí eu tive essas duas escolhas. Ou eu ficava, assumia o concurso, e tinha uma vida normal ou eu largava tudo e ia seguir esse sonho. Eu liguei para o Marcos na época e o Marcos falou: “Sara, eu sei que o boxe é o teu sonho. O sonho de várias pessoas no Brasil é o boxe. E o sonho que o boxe de um custeio para que a pessoa possa se manter, possa ter a vida que quer ter. Por que o nosso sonho é a gente poder se manter, ter a nossa casa, poder manter a nossa vida só treinando e lutando, só que não é a realidade. As pessoas, hoje em dia, elas lutam boxe, mas daqui a dois ou três anos, elas não vão ser mais um atleta rentável. Elas não vão render mais para a Seleção, a Seleção vai cortar eles e eles não vão ter mais nada. Eles vão acabar a vida deles sem que ninguém lembre deles. Ou eles viram boxeadores profissionais, viram campeões mundiais, ou ninguém mais vai lembrar deles. O boxe ele não tem nada para te oferece no futuro. Hoje ele tem isso para te oferecer, mas no futuro não tem nada. Eu acho melhor tu voltar a estudar, tu continuar trabalhando, porque isso para ti pode ser muito melhor agora. Eu acho que é uma melhor escolha, porque é algo certo que tu vai ter. O boxe é algo incerto, tu pode entrar na seleção, pode ser que tu não fique, pode ser que tu fique. Pode ser que tu fique e daqui há um tempo eles te tirem, te cortem. Pode ser que alguém não vá com a tua cara lá dentro e eles te cortem também.” Existe muito isso, em todos os lugares existe isso, na Seleção também existe. Foi ele, que era a pessoa que mais interessava, porque eu ia lá para competir por ele... Como ele trabalha com boxe e São Paulo incentiva muito ele ia ganhar. Eu indo competir... Eu fui competir nos Jogos Abertos ganhei primeiro lugar, ele ganhou, porque eu ganhei primeiro lugar ele ganhou mais. Ele ia ganhar se eu fosse treinar com ele e mesmo assim ele me apoiou a seguir outra carreira, foi por isso que eu desisti. Acabei ficando, fiquei meio desanimada, mas aí eu conheci a pessoa que hoje é o meu marido, ele treina jiu-jitsu e ele sempre me incentivou. Hoje eu treino em uma academia em Esteio que é só para mulheres, eu estou indo treinar lá, as meninas estão iniciando agora e eu estou indo como incentivo para que elas treinem, ajudando a dar aula lá também. Eu estou fazendo algo que vai me divertir, parou de ser algo como obrigação, só para divertimento agora. Eu não estou competindo, mas eu estou participando, seguindo os guris que competem. Eu estou indo

nos campeonatos assistir, estou com elas lá treinando, puxando manopla, treinando junto. Eu não abandonei, eu ainda continuo. Eu sonho em ver o Rio Grande do Sul apoiando as mulheres no boxe, eu sonho em ver o Brasil apoiar mais tanto o feminino como o masculino, que eu sei que é pouco valorizado. Eu continuo sonhando, mas hoje eu sonho de outra forma com o boxe. Eu acredito que eu não volte mais a lutar, mas eu espero formar alguém para lutar um dia. Ter um atleta meu lutando, quem sabe? Poder um dia ter uma academia para poder ensinar. Hoje quem treina tem renda baixa, são poucas as pessoas como a Dani, que é uma pessoa que tem uma renda boa, ela pode lutar, ela pode treinar, ela pode trabalhar, tem condições de se manter. A Carine agora tem a academia dela, ela se mantém com o trabalho dela, é a diversão dela e ela ainda recebe para isso. Só que são poucas pessoas assim, a maioria das pessoas passam necessidade para poder treinar. A maioria das pessoas ficam anos mal esperando um Bolsa Atleta<sup>13</sup> vir para poder se sustentar, para poder se manter. Eu acho que deveria haver um patrocínio do governo, tipo um seguro-desemprego para quem treina, tu está demonstrando que tu não está parado, tu está fazendo alguma coisa e treinar é muito mais cansativo do que trabalhar. Por que os atletas que vão para o Brasileiro e fazem bonito são pessoas que treinam o dia inteiro, são pessoas que dedicam toda a vida para isso. Era como eu, eu dedicava toda a minha vida para isso, eu dedicava tudo, todos os meus esforços e eu não tinha apoio nenhum. Não tinha apoio psicológico de ninguém... Por que tu entra em parafuso, teve épocas que eu entrei em parafuso. Eu não tinha um apoio psicológico de ninguém, eu via minha família com problemas, precisando de ajuda, sem conseguir ajudar. Eu via as pessoas da minha volta com problemas sem poder fazer nada, eu me via com problemas, eu estava começando a entrar em depressão. Por que eu só treinava, treinava e não tinha nada em troca, não tinha ninguém me oferecendo nada. E às vezes tu treinar, treinar, subir para competir... Que nem o Brasileiro que eu treinei, treinei, subi para competir e perdi na primeira luta. A gente não tem apoio psicológico nenhum, não tem ninguém para conversar, ninguém que vai nos apoiar. A gente tem um técnico... Ainda bem que eu tive um técnico para me treinar, mas é uma pessoa que só te cobra. Independente de ser o Zé, independente de quem for, o teu técnico ele está ali unicamente para te cobrar. Meu técnico ele me cobrava muito, ele

---

<sup>13</sup> Programa de patrocínio individual de atletas do governo brasileiro.

cobrava que eu ganhasse, que eu subisse em cima do ringue, que eu ganhasse. E quando tu desce de uma vitória é muito bom, porque está todo mundo te sorrindo, esperando pra te dar os parabéns. Agora quando tu desce de uma derrota, tu desce como se tu não tivesse cumprido o teu trabalho, como se não tivesse valido a pena tudo que tu fez. E isso é muito complicado para quem é atleta. E ainda mais que estão incentivando crianças a competir, a partir dos treze anos tu já pode competir. É uma pessoa que não tem o psicológico ainda pronto, é uma criança que tu vai tirar de perto dos pais, pra competir às vezes no Mato Grosso do Sul, sozinho, sem os pais, sem o amparo de uma família, sem o amparo de um amigo. No meio de pessoas que ele não conhece, para lutar a primeira vez, porque ele ama aquilo. Vai lá, ele luta, ele perde e ele volta para o Rio Grande do Sul e desisti. É isso que acaba acontecendo. Eu sei que eu desisti por outros motivos, não foi por esses motivos, mas eu sinto falta disso também. Se eu pudesse fazer alguma coisa, fazer uma faculdade de psicologia, para que eu pudesse ajudar nesse sentido ou de nutrição para que eu pudesse ajudar os atletas a se alimentar melhor. São coisas básicas que hoje falta a Federação [Rio-Grandense de Pugilismo] cobrar dos próprios técnicos, que os técnicos também sejam um pouco psicólogos, um pouco nutricionistas dos atletas. Por que como a gente não tem o apoio de ninguém, não tem incentivo de ninguém, patrocínio de ninguém, a gente precisa que o técnico nos incentive no boxe. Eu ainda tive um bom técnico, o Zé fez Educação Física, era formado, ele entendia bastante, estava há anos dentro disso, já tinha lutado várias vezes. Só que hoje em dia, existem técnicos que nunca subiram para lutar, recebe o atleta de uma derrota... Eu já vi várias coisas que me entristeceram bastante, eu já vi técnico do atleta descer de uma derrota e o técnico tirou o sapato do atleta e bateu na cabeça dele. Já vi coisas terríveis! Eu acho que o que falta é incentivo sim, mas também que as pessoas tenham mais sensibilidade com o atleta, porque é um ser humano, não é uma máquina que tu criou para ir lá e destruir qualquer um que estiver lá em cima. É um ser humano, tem sentimentos... Eu passei por problemas, na época infelizmente meu técnico não soube compreender os problemas que eu estava passando, a gente acabou nos separando. Eu fico triste por que eu gostava muito dele, gosto muito do Zé, sinto muita falta de conversar com ele, a gente passava muito tempo juntos. Eu passava o dia inteiro com ele, a gente andava para cima e para baixo, para onde ele ia eu ia atrás como um carrapato. Mas aí a gente

acabou tendo uma desavença, porque um não soube entender o outro. Eu estava passando por um momento de crise, eu estava perdendo, eu não estava conseguindo competir e ele também não soube me entender nesse sentido. Eu acho que é isso que falta. Antes de o atleta ter um patrocínio, ter um patrocínio de alguma coisa, é também o técnico procurar saber como ajudar o atleta.

I.B. – Eu queria saber se tu percebeu alguma mudança no teu corpo atribuída a prática do boxe? Pode descrever um pouco.

S.S. – Ah modela todo o corpo. Eu perdi minha bunda, que eu já não tinha muito. E modela todo o corpo... Os ombros, costas, modelou bastante o corpo.

I.B. – E como tu encarou essas mudanças. Tu considera elas positivas?

S.S. – Para mim foram. Só que para competição, aí tu começa a puxar ferro para ter força, às vezes eu me sentia muito musculosa. Sabe? Aí eu dava uma maneirada. Eu “engamelava” meu técnico, eu dizia que estava puxando ferro, mas eu não estava. Mas eu gostei bastante, tem uma forma física que eu mantenho até hoje. É algo bom, porque eu quando comecei o boxe eu estava bem acima do peso, eu estava com 83 quilos e aí eu passei a lutar na [categoria] 69, eu perdi muito peso e eu perdi muito rápido. Dois, três meses eu estava na categoria, eu baixei muito rápido. Hoje eu parei de treinar, hoje eu voltei... Hoje eu estou com 86 quilos, eu estou mais pesada que antes de eu treinar boxe, só que antes eu era muito mais gorda que agora, eu tinha muito mais gordura, hoje eu sei que eu tenho muito mais massa magra. Mesmo eu não estando treinando, sabe? O porte físico acabou seguindo.

I.B. – E teus amigos, familiares, como eles encararam as transformações corporais?

S.S. – Eles gostaram, nunca ninguém [...] Só quando eu ficava muito musculosa, aí eles me diziam que eu estava ficando de mais. Como eu era gorda antes, aí eu emagreci, sequei,

fiquei muito pequena, aí eu comecei a criar músculos... Mas nunca ninguém falou nada para desaprovar. Eu acho que o esporte em si ele modela o corpo, isso é bacana, ele não te dá nada muito grande, nada muito artificial. Eu acho que é algo que compensa, é muito melhor que fazer uma musculação, o corpo fica mais bonito, definido e é algo que tu faz com mais prazer.

I.B. – Tu chegou a ficar com algumas marcas ou ferimentos decorrentes da prática do boxe? Isso preocupava as pessoas a tua volta?

S.S. – Sim... Na época que eu comecei a treinar com o Zé, o emprego que eu consegui para poder treinar boxe era em uma creche. Eu cuidava dos bebês, então ir trabalhar com o olho roxo era a pior coisa do mundo. Só que os pais sempre me apoiaram, porque os pais sabiam da minha trajetória, eles sabiam que eu passava o dia inteiro treinando. Eles estavam vendo eu ganhar, eles estavam vendo eu viajar para competir, eles todos adoravam. Eu sei que poderia assustar alguém, mas o dono da academia já falava, quando ia apresentar o berçário já falava: “Aquela ali se ela aparecer de olho roxo, ela luta boxe.”

I.B. – Durante muitos anos, o boxe foi praticado exclusivamente por homens, como tu se sentiu como mulher nesse espaço?

S.S. – Eu fiquei com medo, porque eu achei que eu teria que ficar muito masculina, que a maioria das mulheres que treinam boxe é porque são lésbicas ou... Sabe? Essa é a consciência que nós temos. Quem treina um esporte de homem é vista dessa forma. Tanto que várias mulheres deram em cima de mim já, achando que... Por que as próprias mulheres tem essa visão, ainda mais se tu quer fazer profissionalmente. Só que aí no primeiro campeonato que eu fui, me deparei com... Por que os Campeonatos Brasileiros, o masculino e o feminino são separados. Eu me deparei com várias mulheres e várias mulheres bonitas, várias mulheres maquiadas, arrumadas. Não é porque tu pratica um esporte masculino que tu vai ficar masculinizada. Se tu quiser, se tu aceitar isso... Mas eu comecei a ver que não era por esse caminho, que eu praticava um esporte masculino, mas independente das

minhas escolhas, não faria diferença. E nunca, no esporte, dentro do boxe, alguém me viu dessa forma, as pessoas que praticam boxe sabem bem a diferença. É mulher, não é porque pratica boxe que ela tem que ser masculinizada, tem que se cuidar sim, tem que ser mulher, tem que se vestir que nem mulher.

I.B. – Como tu interpreta o fato das mulheres ingressarem no boxe apenas recentemente, em outras modalidades lutas, como Judô e Karatê, elas começam a praticar já na década de 1980?

S.S. – Eu acho que é mais por causa do boxe profissional, pois o boxe profissional é o carro chefe do boxe. O boxe amador ele... Na verdade eu não sei o *porquê* que não tinha o feminino, já que era tão forte o boxe feminino no mundo inteiro. Só que no boxe profissional o que mais chama atenção é o boxe masculino também. Eu acho que tem uma inferioridade das mulheres em todo tipo de esporte e como no profissional o mais visto também foram os homens... As mulheres ganham caches menores, as lutas provavelmente não são lutas principais, eu acho que já vem dessa cultura do boxe profissional masculino. Hoje em dia o Brasil tem pessoas de alto nível, mulheres de alto nível, comparados com... Eu já vi muitas mulheres da Seleção treinar com os homens, os homens da Seleção que vão para as Olimpíadas. Eu acho que não tem diferença nenhuma. Eu já bati em vários homens na minha carreira também.

I.B. – Tu conhece histórias de atletas que ingressaram no boxe antes de ti? Pode citar alguns nomes?

S.S. – Profissionais?

I.B. – Não, aqui do Rio Grande do Sul.

S.S. – O Thales<sup>14</sup>, que é uma pessoa que eu gosto mais.

---

<sup>14</sup> Thales dos Santos Medeiros Collar.

I.B. – E mulheres? Tu lembra de alguma história de mulheres que já estavam no boxe?

S.S. – Eu não cheguei conhecer ela pessoalmente, é a Fernanda Godinho. O Zé falava muito nela, eu acho que ele deve ter te falado sobre ela. Foi uma atleta que ele treinou antes de mim e era uma pessoa que ele colocava as esperanças dele também. Pessoa de coragem, que ia para cima e que desenvolveu uma técnica muito boa e muito rápido. Foi uma pessoa que ele colocou mesmo as esperanças... Eu acho que ela só não entrou na Seleção por que o boxe feminino ainda não era olímpico, então eles não davam tanta importância para ter uma Seleção Feminina. Mas como eles tinham uma Seleção formada e como o boxe entrou nas Olimpíadas, o ano que eu competi eles estavam procurando alguém da minha categoria... Até por isso que eu subi de categoria para lutar, eu sabia que eles estavam procurando uma atleta [da categoria] 75 quilos, eu estava na [categoria] 69 e subi para [categoria] 75. Eu sabia que eles estavam procurando uma atleta [da categoria] 75 quilos e por isso acho que eu fui mais observada do que naquela época a Godinho foi. Mas acho que era uma menina que tinha total capacidade de ter entrado na Seleção.

I.B. – Tu pode relatar como foi a tua primeira luta de boxe?

S.S. – Foi muito feia. Eu dava socos de qualquer jeito, quando o soco não pegava, eu voltava com a mão, tentar bater na vinda.

I.B. – Como tu se sentia ao atingir um soco em uma atleta? Foi uma experiência nova essa questão da luta?

S.S. – A gente tinha feito *sparring*<sup>15</sup> já, eu vi uns meninos fazendo *sparring* eu achei legal e eu quis fazer. Na época eu estava com o Vitor e ele ficou com medo de me deixar fazer. Um menino no nosso *sparring* acertou um soco no meu queixo e eu fiquei mal, o Vitor quase desmaiou no meio do treino, porque eu tinha sido acertada e o guri tinha me

---

<sup>15</sup> Simulação de luta entre atletas de uma academia como parte do treinamento de boxe.

machucado. Ele achou que eu nunca mais ia voltar e eu voltei com o incentivo de matar aquele guri, porque eu ia quebrar a cara dele. Eu *treinei* até conseguiu bater naquele guri. Eu acho que foi sempre uma superação, alguém consegue me superar no boxe, eu vou lá, eu treino para tentar superar aquela pessoa. Alguém consegue me vencer em uma luta, eu treino para tentar superar aquela pessoa. A minha primeira luta eu venci, só que eu comecei a lutar e eu estava... Passou o primeiro round, acabou o primeiro round, eu dei graças a Deus, descansei um minuto. Fui para o segundo round, lutei o segundo round e o árbitro parou a luta... Eu olhei pro Zé assim e fiz com a cabeça que estava desistindo, eu não tinha mais fôlego, eu não tinha mais gás. E eu fui para o canto assim, o Zé me olhou: “Tu ganhou.” A luta tinha terminado e eu dei graças a Deus. É a melhor sensação do mundo, é a melhor sensação, para mim vai se comparar quando eu tiver um filho só, porque é alegria, é tudo junto. Tu luta, tu treina tanto para aquilo e quando tu chega, sabe? É a melhor coisa, não tem como descrever.

I.B. – Tu viu alguma diferença no processo de treinamento de homens e mulheres?

S.S. – Não, comigo não teve nenhuma. Com o Vitor até tinha, eu acho que ele meio que me protegia, ele tinha medo de eu me machucar, ele escolhia com quem que eu ia fazer sparring, não era com qualquer um que ele me colocava. Ele tinha um pouco de receio assim. Mais também por ele não ser acostumado com isso, não estar acostumado em ver uma mulher treinar, uma mulher fazer sparring com homens. Agora como o Zé não, ele já estava mais acostumado.

I.B. – E na forma de lutar tu via alguma diferença?

S.S. – Não, nenhuma. Pega uma mulher iniciante, é igual a um homem iniciante, os dois não sabem bater. Tu treina eles durante um ano, no final daquele ano, os dois vão saber bater igual. Por sexo não, não vejo diferença nenhuma.

I.B. – Comente a tua contribuição para o boxe do Rio Grande do Sul.

S.S. – Eu acho que eu incentivei muitas pessoas a treinar, não digo a competir... Mas na época que eu competia, eu lembro de ter ouvido a Dani falar para mim e várias outras pessoas falarem: “Tu é um incentivo para gente, porque tu não tem condições, tu está aqui treinando direto. Onde o Zé vai tu está junto. Corre atrás para poder conseguir as coisas.” E a Dani falava: “Tu treina metade do tempo que eu treino e tu já está lutando bem melhor do que eu.” E eu acho gratificante tu ouvir falar assim: “Eu queria ser que nem tu.” É muito bom. Eu acho que eu não contribui em grandes coisas, em mudar a cabeça das pessoas, em transformar o que as pessoas achavam, pensavam, mas eu consegui incentivar as pessoas a lutar. Alguns que eu incentivei, eu sei que não continuam, mas muitos que eu incentivei eu sei que continuam e estão bem. E isso me deixa feliz.

I.B. – Tem alguma coisa que eu não perguntei e que tu gostaria de deixar registrado?

S.S. – Eu acho que mais importante é isso, os apoios de quem eu tive, quem sempre me apoiou. O Zé que foi peça fundamental na minha carreira, eu nunca teria chegado onde eu cheguei se não fosse por causa dele, se eu não tivesse conhecido ele. E eu acho que eu não desisti do boxe, eu simplesmente passei uma fase e eu precisava passar por isso. Eu precisava treinar, eu precisava lutar para saber como é. E hoje essa fase passou, eu estou em outro momento e vou seguir. Não sei ainda o que o futuro me espera, mas vou seguir e vou tentar continuar no boxe, vou tentar abrir as portas para o feminino. A gente está lá com esse projeto, academia só feminina, só para mulheres, vamos ver se a gente consegue colocar umas meninas competirem, quem sabe? Para divulgar e quem sabe ter mais mulheres para competir dentro do Rio Grande do Sul, para ter mais lutas femininas. Por que a gente não tem como lutar aqui, a gente não tem meninas no nosso peso. Quem sabe é uma forma de eu conseguir contribuir para o futuro do boxe aqui.

I.B. – Tu percebe alguma diferença entre as mulheres que apenas treinam e as mulheres que pretendem competir?

S.S. – É que depende do foco de cada uma, se a pessoa tem foco, ela quer treinar, não quer competir, mas ela quer treinar, quer emagrecer... O boxe, a técnica, vai ser a mesma, mas claro que tu subir em um ringue não é a mesma coisa que tu treinar. É bem diferente, tu está nervoso...

I.B. – E elas tem o interesse de competir ou a maioria não?

S.S. – Poucas, muito poucas, são raras. A maioria quer só por diversão ou quer competir só para ver qual é que é. Compete uma vez e desiste, não quer mais. São muito poucas assim... E eu acho que tem diferença de acordo com a equipe em que tu está, a gente está ali para apresentar o boxe para as meninas, independente se elas querem competir ou não. O Zé já tem mais uma equipe de competição, ele tem o José Lima, ele treina para competições. Provavelmente as mulheres que forem procurar ele, vão procurar para competir. Eu dando aula em academia eu encontrei várias pessoas que queriam competir, mas muito mais homens do que mulheres.

I.B. – Eu queria agradecer a tua disponibilidade em conceder a entrevista. Muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]